



## COLETIVO MÃESTUDANTES/UFSC: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**SILVA; Vanessa Suany da <sup>1</sup>, LIMA; Ana Cláudia Romano de <sup>2</sup>, UMANN; Patrícia Barcelos Valiente <sup>3</sup>, OLIVEIRA; Vanessa Fonte <sup>4</sup>**

### RESUMO

O presente trabalho busca demonstrar a trajetória do movimento estudantil “Coletivo MãEstudantes/UFSC”. Formado em 2017 por estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no campus de Florianópolis, com o objetivo de conquistar espaços e políticas de assistência que auxiliem na permanência de mães no ensino superior. Dar visibilidade e voz a nossos projetos e demandas, assim como pesquisas e trabalhos acadêmicos produzidos por mães e sobre maternidades, são etapas fundamentais para a consolidação de uma cultura acadêmica de inclusão e permanência materna nas universidades. Dando possibilidades e reconhecimento para que estas possam produzir com plenitude e diminuir a desigualdade social de gênero gerada pelo não reconhecimento das necessidades do cuidado e reprodução.

### Quem somos

Embora as mulheres, há 27 anos, sejam maioria nas universidades federais brasileiras, e atualmente correspondam a cerca de 52% dos estudantes universitários do Brasil, elas estão longe de ser a maioria a ocupar altos cargos na hierarquia universitária. O fato que ilustra bem essa condição, segundo a UNIFESP, é o de que apenas 28,3% delas ocupavam cargos de reitoras nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) em 2018. Ante a desproporcionalidade na ocupação dos espaços de poder por mulheres à medida que vão avançando em suas trajetórias acadêmicas, os silenciamentos, sobretudo das mães, dentro do movimento estudantil colaboraram para o surgimento do Coletivo MãEstudantes/UFSC, em maio de 2017.

Como as coisas não surgem do nada, inicialmente havia o Movimento de Pais e Mães da UFSC. O movimento obteve importantes conquistas como o auxílio creche, e o acesso das crianças a determinados espaços da universidade, tais como o Restaurante Universitário (RU) e a Coordenadoria de Inclusão Digital (COID). Entretanto, quando membros do movimento chegavam nas reuniões do movimento estudantil para colocar suas demandas, a resposta que ouviam era: “A pauta de vocês é muito específica, e temos demandas mais urgentes”. A especificidade de nossas demandas e pautas era lembrada toda vez que tentávamos nos aproximar do movimento estudantil. Após todas as dificuldades de articulação com o movimento estudantil, o qual, teoricamente, deveria também nos representar, um grupo de 5 mulheres reunidas depois após um ato - construído por elas em uma sexta feira que antecedeu o dia das mães e sabotado pela reitoria - concluíram que era necessário uma organização coletiva para terem suas demandas ouvidas, compreendidas e atendidas. Nesse momento nasce o coletivo MãEstudantes/UFSC.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessa.suany082@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, anaclaudia.rdelima@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, pativalienteagroecologia@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessinha.fonte@gmail.com

O Coletivo nasce com o objetivo de ser uma resposta política aos silenciamentos perpetrados pela UFSC, e movimento estudantil, à voz das estudantes mães na instituição. Estas 5 mulheres perceberam que precisavam combater a causa do incêndio, em vez de ficar apagando pequenos focos. Algumas semanas após a fundação do coletivo, duas das cinco mulheres elaboraram um projeto que objetivava criar um espaço onde as crianças seriam acolhidas, enquanto suas mães estavam em aula. Como acontecia com os estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, que contavam com a parceria de uma servidora técnica, que escreveu um projeto onde acolhia as crianças indígenas durante o período que seus pais estavam na UFSC. Partindo dessa ideia, estas duas co-fundadoras, junto com apoio de algumas professoras, pensaram em um projeto guarda-chuva que abrigaria uma série de outros projetos menores. Nesse momento foi que iniciamos uma verdadeira peregrinação aos centros de ensino, na esperança de conseguirmos professores parceiros que estivessem a fim de realizar atividades de extensão com as crianças, filhas e filhos das estudantes da UFSC. Encontramos algumas professoras interessadas em desenvolver atividades no espaço com as crianças, foi então que chegou o momento de apresentar nossas demandas e sugestões à reitoria - mal sabíamos que ali estava sendo concebido o que viria ser a principal ação da política para permanência materna na UFSC.

Como recém havíamos nos consolidado como coletivo, não tínhamos muitas participantes. Mas isso não nos intimidou de irmos todas juntas à reunião que havia sido agendada com a reitoria. Lá estávamos nós, nossas crias e demandas. Na primeira reunião com o coletivo, uma das primeiras perguntas dos representantes da reitoria foi: “por que Coletivo MãEstudantes, vocês estão excluindo os estudantes pais?”. Contávamos com essa pergunta, e a resposta estava na ponta da língua: “Não excluímos os pais, apenas decidimos homenagear as mães por serem elas que estão sempre acompanhadas dos filhos pelo campus; por serem elas a sofrerem as violências dos professores e colegas e por serem elas as maiores prejudicadas quando decidem seguir carreira acadêmica”. Essa havia sido uma decisão do grupo, pois a presença dos homens, mesmo quando ainda era o Movimento de Pais e Mães da UFSC, era mínima para não dizer inexistente.

Os meses que seguiram após a formação do Coletivo, em 2017, foram intensificadas as articulações com centros de ensino e departamentos. Entendíamos que, quanto mais pessoas soubessem da nossa ideia, mais possibilidades de parceria haveria. Entre as idas e vindas aos centros de ensino, reuniões com departamentos e candidatos à direção dos centros, nos deparamos com um grupo de mães docentes e técnicas. Elas queriam somar na luta com as mães estudantes, na tentativa de que juntas pudéssemos reativar o Flor do Campus, creche criada pela associação de servidores para ficar com as crianças, filhas e filhos de servidores da UFSC. Esta creche funcionava como uma escola particular dentro de uma universidade federal, funcionou assim por quase 30 anos, quando em 2016 houve o encerramento de suas atividades definitivamente. De um lado a UFSC ficou com um excelente espaço ocioso voltado ao atendimento das crianças; nós tínhamos uma demanda por espaço para deixarmos nossas crianças enquanto estudávamos; e por fim as docentes e técnicas que queriam o espaço para voltar ao que era. Logo, também entramos em disputa pelo mesmo. Como a ideia do grupo de mães servidoras não teria como ir adiante, pois a reitoria deixou claro que não teria como reabrir o espaço no formato anterior. Sugerimos que elas somassem na luta conosco, pois tínhamos uma proposta para o espaço, onde funcionava a creche que fechou, mas elas teriam de compreender que a prioridade no acesso às vagas seria das estudantes mães. Isso não agradou muito o grupo que desde esse momento deixou de aparecer nas reuniões do Coletivo.

Início de 2018, e nossas atividades seguem avançando. Agora, todo início de semestre, éramos chamadas para participar daqueles eventos de boas vindas aos estudantes que estão chegando. Alguns cursos como Serviço Social e Enfermagem são os que sempre nos chamam para dar as boas vindas e apresentar o Coletivo.

Com o tempo fomos nos organizando para criação das redes sociais. Claro que isso não é simples quando se trata de um grupo de mães estudantes, ou seja, todas com suas jornadas triplas ou quádruplas para dar conta dos estudos, trabalho, filhos e afazeres domésticos. Mas aos poucos fomos avançando. Logo no início de 2018, com a proposta do projeto guarda-chuva melhor estruturado, chamamos uma nova reunião com a reitoria e a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), para falarmos acerca das demandas maternas e políticas para permanência das mães

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessa.suany082@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, anaclaudia.rdelima@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, pativalienteagroecologia@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessinha.fonte@gmail.com

estudantes. Nesse período conseguimos com que, pelo menos, em um dos banheiros de todos os centros de ensino da instituição contassem com a instalação de um fraldário. No decorrer dos meses agendamos reuniões com a reitoria a cada mês para levar nossas demandas, apresentar o projeto guarda-chuva e discutir sobre a importância de se ter uma política que garanta, não apenas o acesso dessas mulheres mães, mas sobretudo a conclusão dos cursos com qualidade.

Depois de muitas idas e vindas, em maio de 2018, exatamente um ano após a criação do Coletivo, a reitoria lançou uma resolução instituindo o grupo de trabalho responsável por elaborar a minuta para política de permanência materna na UFSC. Foi uma alegria só. O Coletivo contava com dois lugares na comissão. Além das representações do Coletivo, o GT contava com mais 3 cadeiras sendo uma para mães indígenas, outra para mães quilombolas e a terceira para mães da pós-graduação. A portaria designava 180 dias para finalização dos trabalhos. Além das cinco representações de estudantes mães, a comissão contou com a participação de todas as pró-reitorias. A ideia foi construir uma política sólida, bem embasada para que fosse mais fácil sua aprovação. Mesmo a UFSC mostrando interesse em criar uma política para mães, ela não tem real noção do número de mães estudantes matriculadas. Isso é grave. Como aprovar uma política se não sabemos nem qual o tamanho da população a se beneficiar? Essa foi uma pergunta que nos acompanhou durante todo o trabalho. Relacionado à pergunta sugerimos que a UFSC fizesse esse levantamento no ato da matrícula e rematrícula, já que esse é um processo online. Seria simples inserir a pergunta “você tem filhos?”. Assim poderíamos acompanhar, semestralmente, qual o tamanho dessa população. Mas a sugestão não foi aceita, e seguimos sem saber qual o número real de mães estudantes. Em novembro de 2018 a comissão encerrou suas atividades apresentando a minuta à reitoria, a qual segue em tramitação no gabinete da reitoria para posterior apreciação no Conselho Universitário (CUUn).

## **Desdobramentos e Atualidade**

Em 2019 a atuação do Coletivo esfria um pouco, as demandas pessoais das mulheres mais envolvidas com a causa aumentaram, fazendo com que se afastassem do grupo. Consequentemente, o ano de 2019 teve poucas ações e movimentações. Precisávamos de sangue novo, dar uma oxigenada, e assim aconteceu. Algumas que se formaram foram embora da cidade ou começaram a trabalhar, outras seguiram para pós-graduação, diminuindo suas atividades no grupo, bem como aquelas que apenas cansaram e deram um tempo do grupo para se dedicar a outros afazeres e responsabilidades. Em 2020, após 15 dias do início das aulas, a pandemia de coronavírus chegou no Brasil fazendo as universidades e escolas suspenderem suas aulas, a partir de 16 de março de 2020. No primeiro semestre ficamos todos sem saber muito o que fazer, não tínhamos iniciado o ensino remoto ainda e estávamos sem saber muito como as coisas iriam funcionar. No grupo de whatsapp nos conectamos e apoiamos, trocando informações que pudessem auxiliar na manutenção e assistência das estudantes.

Quando iniciou o ensino remoto na instituição, começou a aparecer um dos maiores desafios da pandemia, ensino remoto para mães e filhos. Nesse momento surgiram relatos de mães com 3 filhos e apenas um computador para atender a demanda dos quatro. Sabíamos o tamanho do desafio que seria estar em ensino remoto juntas de nossos filhos. Foi então que, no segundo semestre de 2020, lançamos o primeiro “Formulário Sócio Demográfico Mães Estudantes da UFSC”, os resultados desse primeiro relatório, apesar do pouco alcance, nos deram uma ideia de como estava a situação das mães estudantes da UFSC. Em 2021, já melhor adaptadas à rotina em casa com estudos, filhos e trabalho, conseguimos nos organizar para retomar nossa luta. Contamos com a oxigenação do grupo, o movimento de saída e entrada de mulheres fez mover as “águas paradas”.

Iniciamos 2021 nos reunindo com a reitoria para saber a quantas andam a política de permanência, e o porquê dela ainda não ter sido encaminhada para aprovação no Conselho Universitário. A resposta foi que a minuta precisa se adequar às questões legais, e por isso havia sido

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessa.suany082@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, anaclaudia.rdelima@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, pativalienteagroecologia@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, vanessinha.fonte@gmail.com

encaminhado ao setor que verificará a legalidade das ações propostas.

Após percebermos que a instituição lamentavelmente não faz nada sem que seja pressionada, lançamos o “II Formulário Sócio Demográfico Mães Estudantes da UFSC”, a fim de sistematizar e levantar o máximo de dados possíveis. Dados estes que darão ainda mais sustentação à política pela qual tanto lutamos, e que ainda se encontra no papel. A construção do formulário movimentou ainda mais os debates acerca das pesquisas e estudos sobre maternidades. Nas conversas percebemos a importância de um espaço onde será possível pesquisar e estudar sobre o tema da maternidade.

Toda nossa trajetória como coletivo nos fez perceber que precisamos de um núcleo de pesquisa e estudos maternos na UFSC. Para além de estudos e pesquisas, as mães estudantes precisam ter a possibilidade de publicar artigos acadêmicos em revistas e canais para divulgação científica. A criação deste núcleo está sendo gestada pelo coletivo, estudantes e professoras a fim de potencializar a construção materna e desenvolver temas e problemáticas acerca desse campo de pesquisa.

Às vezes o tema maternidade é visto como menor dentro da academia, por se tratar de investigações que, na maioria das vezes, são realizadas por mulheres mães, como parte da cultura de invisibilização do trabalho doméstico, de cuidado e reprodução da vida (FEDERICCI, 2018). Se levantamos dados, produzimos conhecimento e publicamos com rigor acadêmico as informações obtidas, não faz diferença se temos filhos ou não. É possível que as informações produzidas pelo núcleo tenham o potencial de subsidiar políticas públicas, para que cada vez mais mães estudantes tenham acesso ao ensino superior. Considerando que a graduação é a primeira etapa na formação profissional de uma pessoa e que possibilita mobilidade social através da educação, as políticas carregam em si os mecanismos que viabilizam a permanência de mães na instituição. A educação é um dos caminhos para a independência do pensamento, autonomia econômica e estabilidade financeira. Principal responsável em diminuir o abismo criado entre homens e mulheres, quando se trata de espaços de poder.

## Referências

ALMEIDA, Cássia. Mulheres são minoria entre reitores e nas bolsas de pesquisa mais prestigiadas. 2018. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3169-mulheres-sao-minoria-entre-reitores-e-nas-bolsas-de-pesquisa-mais-prestigiadas>.

Acesso em: 22 nov. 2021.

FEDERICCI, Silvia. O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2018.

**PALAVRAS-CHAVE:** maternidades, ensino superior, mães universitárias, políticas de assistência